mitos e em lendas, sem indicar como estas se distinguem daquelas (pág. 119). E se os têrmos são empregados como sinônimos, é conveniente que se o diga. "Cantorias, desafios, romances, modas" são classificados como "formas lírico-narrativas", sem que se explique a diferença que há entre elas. Presume-se que o especialista não tenha dúvidas quanto a tudo isso, mas o principiante — nem que seja tido por modesto coletor — receberia com agrado a informação. De qualquer maneira, embora não o reconheça, o autor procura fornecer também uma introdução geral ao estudo do folclore brasileiro. Pretensão, aliás, legítima. Não há, por certo, quem após leitura tão rica em interessantes informações, não sinta o desejo de ir além da simples coleta e participar um pouco da "sondagem na alma do povo", segundo a expressão de Sílvio Romero. As ciências humanas têm o seu sentido real e profundo exatamente na medida em que deixam de ser esotéricas, e são ciências genuínas na medida em que, na coleta como na interpretação dos dados, impere a mais rigorosa disciplina do espírito. Um dos méritos do "Manual de Coleta Folclórica" é a intransigência com que o autor defende esta última posição.

Egon Schaden

*

SIMONE DREYFUS: *Les Kayapo du Nord, État de Para — Brésil. Contribution à l'étude des Indiens Gé.* 312 págs., 27 fotogr. em pranchas, 12 figs. no texto. Le Monde d'Outre-Mer Passé et Présent, 1.e Série, Études, XXIV. Mouton & Co. Paris-Haia, 1963.

Nos últimos decênios, as tribos da família lingüística jê têm sido alvo de especial atenção da parte de antropólogos nacionais e estrangeiros. Êsse interêsse cada vez mais vivo resulta de uma série de importantes problemas teóricos suscitados pelas monografias de Curt Nimuendajú sôbre os Apinayé (1939), os Xerénte (1942) e os Timbíra Orientais (1946). O famoso etnólogo descreveu com bastante rigor a organização social extraordinàriamente complexa por êle descoberta naquelas tribos, fornecendo os elementos básicos para análises em sentido funcional e estrutural. Para estudos comparativos mais amplos impunham-se pesquisas semelhantes em outros grupos jê. Uma delas foi empreendida por Alfred Métraux (1954) e Simone Dreyfus (1955) entre os Kayapó do Norte, cujo território se estende hoje, em essência, entre o médio Araguaia e o médio Xingu.

A presente monografia é o resultado principal dessa pesquisa, que teve por objeto dois grupos kayapó: os Kubenkrãnkẽñ, no Xingu, e os Gorotíre do Rio Fresco, afluente daquele. Simone Dreyfus conviveu cêrca de cinco meses com os primeiros, que haviam sido pacificados sòmente em 1952 e mantinham ainda quase intacta a sua primitiva cultura. Aos Gorotíre, já bastante aculturados, fêz uma visita de duas semanas.

Não foi fácil a coleta do material. Entre os Kubenkrãnkẽñ havia um único indivíduo que falava sofrìvelmente o português, e êste relutava muito quando solicitado a prestar serviços de informante. Como, além disso, o tempo disponível não fôsse suficiente para que a pesquisadora chegasse a dominar o idioma da tribo, o estudo naturalmente não pôde ser tão completo e seguro como era de se desejar, ainda mais porque o objetivo central era a descrição da complicada estrutura social kubenkrãnkẽñ. Assim mesmo, deve-se reconhecer que Simone Dreyfus conseguiu apresentar um quadro bastante rico da cultura que investigou. E não se limitou a dar a seu trabalho um caráter monográfico. Ampliou-o de modo a estabelecer um confronto entre os Kayapó e as demais tribos do grupo jê. Num capítulo muito sugestivo sôbre a mitologia, baseado em 27 textos colhidos por

Alfred Métraux, vai até mais longe: estuda as tradições míticas dos Kayapó situando-as **no contexto geral** das culturas aborígines da América do Sul.

Após um rápido esbôço histórico e geográfico, Simone Dreyfus dedica um capítulo à cultura material, em que concentra a atenção principalmente na construção da aldeia, nas diferentes atividades econômicas e nas técnicas.

A parte mais substanciosa e mais estruturada é a que se refere à vida familial e social. Trata-se aí minuciosamente dos sucessivos estágios da vida individual (com ênfase particular na primeira infância), das relações familiais e do sistema de parentesco, dos grupos sociais e da guerra. Mostra-se, entre outras coisas, em que sentido o arranjo espacial da aldeia (as habitações familiais constituindo um círculo em tôrno da praça, em cujo centro se encontra a casa dos homens) reflete a divisão primária da sociedade no grupo dos homens e no das mulheres, divisão a que se sobrepõe a existência de duas metades masculinas; analisa-se o sistema das classes de idade masculinas e femininas; estuda-se a instituição da chefia política, econômica e guerreira em uas relações com a divisão em metades e com o sistema de parentesco; discute-se o papel dos grupos patronímicos, que abrangem todos os indivíduos de um e outro sexo. A exposição da nomenclatura de parentesco conduz a uma comparação com os sistemas corespondentes das demais tribos jê. Em tudo isso, a autora procede com bastante cautela, ciente de que sôbre uma série de pontos não é possível ainda um pronunciamento definitivo e de que serão necessárias novas pesquisas de campo para se apreender em tôda a sua complexidade a estrutura e a organização sociais dos Jê em geral e dos Kayapó em particular.

Convém destacar ainda algumas páginas magistrais sôbre a música dos Kayapó. Esta é de suma importância na vida da tribo e tão variada que não foi possível a Simone Dreyfus, em sua curta permanência no campo, registrar senão uma parte dela. "A música kayapo por nós ouvida é (...) essencialmente coral. Cerimonial, de caráter não religioso, marca as fases da integração social ou auxilia a preparação das atividades coletivas: grandes caçadas, grandes pescarias ou colheita da mandioca. É exclusivamente monódica; a sua estrutura é pentatônica". (Págs. 129-130). Alguns exemplos dessa arte são estudados com grande perícia, fato muito raro em obras de etnologia brasileira.

Sôbre as representações e práticas religiosas há poucos informes no livro. É um domínio sôbre o qual existem alguns artigos, principalmente do missionário austríaco A. Lukesch, mas que mereceria pesquisas mais aprofundadas.

Em apêndice reproduzem-se os mitos levantados por Alfred Métraux e alguns daαos demográficos.

Egon Schaden

*

WILLHART S. SCHLEGEL: *Die Sexualinstinkte des Menschen. Eine naturwissenschaftliche Anthropologie der Sexualität*. 256 págs., 14 ilustr. Rütten & Loening Verlag. Hamburgo, 1962.

Êste livro sôbre o espinhoso tema é uma tentativa de popularização de conhecimentos sexológicos no enquadramento de um *ethos* definido. Trata-se de um ensaio bem sucedido do ponto de vista da relação harmônica entre os fatos científicos expostos e o conteúdo da norma sexual recomendada.

A idéia fundamental se resume no conceito de que o sentido biológico primário da sexualidade humana, em vez de se reduzir à função reprodutora e à satisfação da libido,